

A metáfora e a metonímia na categorização do conhecimento: o caso da terminologia da fauna e da flora¹

Metaphor and metonymy in knowledge categorization: The case of *fauna* and *flora* terminology

Sabrina de Cássia Martins²

sabrismartins@gmail.com

União das Faculdades dos Grandes Lagos

RESUMO - No presente trabalho, abordaremos a presença da metáfora e da metonímia para a expansão do vocabulário da *Fauna* e da *Flora* em língua portuguesa. Assim, analisamos as variantes denominativas que compõem tal terminologia, ênfase para as expressões cromáticas especializadas, isto é, sintagmas nominais que apresentam em sua composição pelo menos um dos seguintes nomes de cores: *branco, vermelho, amarelo, azul, verde, laranja, cinza, marrom, rosa, roxo, violeta e anil*. Objetivamos demonstrar que a percepção humana, expressada linguisticamente por meio da metáfora e da metonímia, direciona a categorização dos conceitos dessa área, contribuindo para a expansão da terminologia e atuando na divulgação e na popularização do conhecimento.

Palavras-chave: metáfora e metonímia, *Fauna* e *Flora*, variação denominativa, expressões cromáticas especializadas.

ABSTRACT - In the present study, we address the presence of metaphor and metonymy for the expansion of *Fauna* and *Flora* vocabulary in Portuguese. We analyze the denominative variants that constitute such terminology, with an emphasis on specialized chromatic phrases, i.e., noun phrases composed of at least one of the following color names: *white, red, yellow, blue, green, orange, gray, brown, pink, purple, violet and indigo*. We aim to demonstrate that human perception, linguistically expressed through metaphor and metonymy, guides the categorization of concepts in this field, contributing to the expansion of terminology and the dissemination and popularization of knowledge.

Keywords: metaphor and metonymy, *fauna* and *flora*, denominative variation, specialized chromatic phrases.

Introdução

No decorrer da evolução dos estudos linguísticos, a metáfora e a metonímia assumem papel de figura da linguagem e, entendidas como tal, têm sido consideradas como essenciais para a compreensão de muitos aspectos da conceituação de experiências do nosso dia a dia, caracterizando a criatividade dos falantes de uma língua, os quais as usam naturalmente no interior dos discursos cotidianos.

Uma vez que vivemos num mundo em contínuo progresso, em que as ideias, as tecnologias e os conceitos são constantemente atualizados, é natural que novos itens lexicais sejam criados para denominar conceitos e entidades. Trata-se de uma evolução que não ocorre de forma isolada, mas sim caminha de acordo com as necessidades do nosso meio. Nesse processo de ampliação terminológica, a metáfora e a metonímia contribuem

ativamente para a apreensão e consequente representação formal dos conceitos, proporcionando sua divulgação no interior da comunidade científica e, como objetivo final, sua popularização.

Neste estudo, abordamos a presença desses dois fenômenos da linguagem na expansão de uma fatia especial do léxico da língua portuguesa, a saber, o vocabulário da *Fauna* e da *Flora*. Importa clarificar que, no interior da terminologia em questão, interessa-nos especificamente as unidades lexicais complexas formadas por nomes de cores, unidades por nós denominadas de expressões cromáticas especializadas (ECEs). Nosso estudo se restringiu às ECEs compostas por um ou mais nomes de cores pertencentes à seguinte tipologia (baseada nos trabalhos de Berlin e Kay (1969), Arcaini (1991) e Zavaglia (1996)): *preto, branco, vermelho, amarelo, azul, verde, laranja, cinza, marrom, rosa, roxo, violeta e anil*. Por conseguinte, questionamo-nos,

¹ Agradecemos à Prof^ª Dr^ª Claudia Zavaglia, pela orientação da pesquisa de doutorado que tem como um de seus frutos este artigo, e à FAPESP (processos n. 2013/09232-1 e n. 2015/09035-7), pelo auxílio concedido.

² União das Faculdades dos Grandes Lagos. Rua Dr. Eduardo Nielsen, 960, Jd. Aeroporto, 15030-070, São José do Rio Preto, SP, Brasil.

em primeiro lugar, sobre as causas que impulsionam a variação denominativa no vocabulário mencionado; em segundo, sobre a participação dos fenômenos da metáfora e da metonímia para a formação dessas variantes; por fim, sobre a existência de padrões metafóricos e metonímicos que possam ser estabelecidos na formação de tais variantes.

No decorrer do texto, discorreremos brevemente sobre a concepção da metáfora e da metonímia para os estudos linguísticos; posteriormente, abordamos tais fenômenos a partir do viés dos estudos terminológicos. Uma vez que estamos tratando as ECEs por variantes denominativas, torna-se essencial discorrer, porém de forma sucinta, sobre o que entendemos por tal conceito. Finalmente, relataremos a forma como tais fenômenos ocorrem na terminologia da *Fauna* e da *Flora*, exemplificando com ocorrências retiradas do *Corpus Web*.

A natureza da metáfora e da metonímia

De acordo com Silva (1999), a metáfora e a metonímia são processos cognitivos essenciais para a conceituação e para a extensão semântica dos itens lexicais, constituindo importantes modelos cognitivos da experiência humana. Nesse sentido, Lakoff e Johnson (2007) frisam a base cultural em que se sustenta o nosso sistema conceitual, já que toda experiência envolve pressuposições do gênero. Definitivamente, tais fenômenos colaboram para a categorização e compreensão das experiências, sendo fundadas em modelos convencionais organizados em relações sistemáticas.

No que diz respeito especificamente à metáfora, Lakoff e Johnson (2007) afirmam que tal processo tem início no nível conceitual, em que há a correspondência entre dois domínios conceituais, culminando no nível linguístico, em que a relação de correspondência assume expressão. Assim, as metáforas linguística e conceitual consolidam-se por meio do uso e consequente fixação em uma sociedade, fato que determina sua convencionalidade (Kövecses, 2010).

Por sua vez, a metonímia, embora também pressuponha a compreensão de uma entidade em termos de outra, restringe-se à comparação de dois conceitos que se relacionam por meio de uma mesma estrutura conceitual, permitindo-nos focar exclusivamente em alguns aspectos do que está sendo dito (Lakoff e Johnson, 2007). A escolha das propriedades mais evidentes de uma entidade por parte do falante possibilita sua identificação imediata pelo interlocutor (Papafragou, 1996). Segundo Dirven (2002), a metonímia é um processo que reflete as intenções do falante, sendo parte da sua habilidade cognitiva em relacionar dois conjuntos de entidades de modo que um substitua ou represente o outro em determinado contexto, sem necessariamente implicar em uma mudança de sentido. A sua facilidade de identificação e sua produtividade em diferentes vocabulários definem sua convencionalidade.

De um modo geral, podemos afirmar que os fenômenos em questão estão consolidados na mente dos falantes, mostrando-se como recursos frequentes na comunicação do dia a dia. Porém estariam eles restritos ao discurso comum? Sem dúvida, nossa resposta é negativa. De fato, a metáfora e a metonímia contribuem ativamente para o desenvolvimento de conceitos complexos que derivam da evolução das ciências e da tecnologia. Nas próximas linhas abordaremos seus estudos pelo viés da Terminologia.

A metáfora e a metonímia nos domínios de especialidade

Como salientado anteriormente, as metáforas e as metonímias percorrem um percurso que vai desde a dimensão cognitiva até a linguística, expressando verbalmente uma entidade em termos de outra. Tal processo de lexicalização no âmbito do discurso técnico-científico mostra-se fundamental para a conceituação de novas realidades. Hoffman (1980) atenta para a importância da presença desse percurso no domínio científico, frisando inclusive que muitas teorias foram criadas utilizando-se metáforas, por exemplo, *um átomo é um sistema solar*, elaborada por Ernest Rutherford no início do século passado. Giles (2007), por sua vez, menciona a teoria da luz que teve como base os estudos de Descartes no século XVII, sendo definida pelo estudioso, metaforicamente, como uma onda. Hoje, utiliza-se outra metáfora: a da luz como uma partícula. Ainda segundo o mesmo autor, há uma tensão expressa pelas metáforas utilizadas por cientistas de diferentes épocas, que coexistem e que apontam para a evolução da ciência.

Compreende-se com base nos trabalhos de Hoffman (1980) e Giles (2007) que, enquanto alguns cientistas preferem o predomínio da lógica e da objetividade de sentidos literais, outros defendem que os aspectos psicológicos do uso metafórico ajudam a sustentar as teorias. De um modo geral, a utilização de unidades linguísticas metafóricas e também das metonímicas não apenas facilita a comunicação, como também agiliza o processo de conceituação e interpretação da realidade.

As dúvidas quanto ao uso ou não de tais fenômenos dentro dos domínios do discurso especializado não se restringem aos especialistas, mas influenciam diretamente os estudiosos da linguagem que atuam na área da Terminologia. Efetivamente, a Teoria Geral da Terminologia, que dominou o cenário dos estudos terminológicos no início do século XX, defendia que os fenômenos semânticos configuravam à linguagem científica um caráter figurado e subjetivo, levando à ambiguidade e afastando o rigor requerido pela comunicação especializada. Sua presença, portanto, durante muito tempo, foi considerada inadequada, sendo até mesmo refutada pelos especialistas.

Entretanto, os estudos recentes baseados na Teoria Comunicativa da Terminologia, na Socioterminologia e

na Teoria Sociocognitiva da Terminologia têm defendido que a unidade lexical especializada precisa ser entendida pela junção de seus vieses linguístico, cognitivo e social. A partir desse ponto de vista, os fenômenos semânticos passam a ser reconhecidos como parte do discurso especializado. Assim, dentro dos domínios de especialidade, eles contribuem para a categorização e organização conceitual do conhecimento científico (Oliveira, 2010).

Atualmente, observamos que a adoção desses fenômenos se manifesta também no discurso especializado, tendo o seu uso pelos especialistas o objetivo de difundir o conhecimento científico para leigos, permitindo que estes compreendam e memorizem os conceitos de uma forma mais simples. Giles (2007) salienta que se tratam de componentes necessários do pensamento humano e, desse modo, no interior dos discursos especializados, atuam não apenas na formação terminológica, mas também permitem explicar conceitos novos que muitas vezes requerem uma compreensão científica mais profunda, inacessível sem seu auxílio.

Para Tretjakova (2013), a metáfora otimiza o reconhecimento e a compreensão do termo, sobretudo por parte do leigo, sem que para tanto a comunicação científica se desvie do seu objetivo maior, isto é, a precisão. A mesma autora argumenta que tal recurso nos possibilita visualizar algo não familiar por meio de uma imagem reconhecida, pois o componente metafórico presente numa mensagem cria uma imagem dos elementos envolvidos. A justaposição desses dois elementos tem como resultado a compreensão real da metáfora. Por outro lado, em relação à metonímia, Sánchez *et al.* (2012a) enfatizam que no âmbito do discurso especializado recebe destaque aquela do tipo referencial. Nesse sentido, durante o processo metonímico há o destaque de um dos subdomínios pertencentes à matriz de um domínio conceitual, havendo o predomínio de diferentes dimensões do conhecimento. Portanto, a metonímia revela a forma como os conceitos são categorizados, e pode inclusive influenciar no modo como falamos sobre eles.

Em se tratando da ampliação das terminologias, as unidades lexicais especializadas formadas por meio desses dois processos cognitivos auxiliam na compreensão dos conceitos, contribuindo para a difusão do conhecimento. Nesse contexto, interessa-nos a junção de tais processos ao fenômeno da variação em Terminologia, ênfase para a variação denominativa, que será abordada na seção que segue.

A variação denominativa em Terminologia

A Teoria Geral da Terminologia (TGT) pregava o ideal da univocidade, defendendo, para tanto, que cada conceito deveria ser expresso por uma única forma linguística. Entretanto, seu próprio fundador, Eugene Wüster, reconheceu posteriormente a existência de variações nas terminologias. No decorrer da década de noventa,

com o re florescimento dos estudos terminológicos, há o reconhecimento do caráter dinâmico das unidades lexicais especializadas e a necessidade de novas propostas que refletissem a complexidade adquirida pelas terminologias na virada do século.

De acordo com Cabré (2003), as mudanças sociais e econômicas mostraram as insuficiências da TGT no que concerne à descrição desses itens, visto que desconsiderava seu funcionamento em uso, isto é, sua ocorrência no interior dos discursos especializados. Em texto anterior (Cabré, 1999), a autora atenta para a proximidade entre os termos e as palavras, de modo a justificar a proposta de explicá-los a partir de uma mesma teoria linguística, sem que para tanto sejam refutadas suas particularidades semânticas e de uso.

Com efeito, a Teoria Comunicativa da Terminologia surge como uma nova proposta de entender as terminologias e sua função para com a sociedade, na medida em que determina que as unidades lexicais especializadas são de fato componentes do léxico de uma língua natural e, portanto, passíveis das mesmas influências que atuam na formação das palavras utilizadas nos discursos diários (Cabré, 1999). Sendo assim, a atuação dos mecanismos metafóricos e metonímicos na formação das terminologias tornam-se não apenas naturais, mas essenciais à transferência de significados.

Uma vez descartado o ideal de univocidade defendido pela TGT, admite-se a possibilidade de que uma unidade lexical especializada corresponda a mais de um conceito, situados em domínios do conhecimento distintos, assim como um conceito seja denominado por mais de uma unidade lexical. Referimo-nos ao fenômeno da variação em Terminologia, no primeiro caso, da variação conceitual; já no segundo, da variação denominativa, tipo abordado neste estudo.

Considerando que os discursos especializados podem ser classificados em diferentes níveis de especialização, a depender de fatores como o grau de conhecimento dos interlocutores, de formalidade e da temática do ato comunicativo, as variantes denominativas tornam-se responsáveis pela adequação à situação discursiva, tornando possível a comunicação, além de atuarem na divulgação do saber tecnológico e científico. Com efeito, as variantes expressam a dinamicidade inerente à linguagem, além de sua mutabilidade decorrente da própria diversidade social, linguística e geográfica da comunidade que a utiliza, o que implica em diferentes usos das unidades lexicais.

No que diz respeito à composição lexical dos domínios da *Fauna* e da *Flora*, coexistem: (i) os nomes científicos, que têm como características a amplitude internacional, a escrita latina, a univocidade na sua relação com a unidade taxonômica e sua utilização restrita aos especialistas, (ii) os nomes semi-científicos, adaptados à língua vernácula e (iii) os nomes populares, produzidos de acordo com as regras de cada língua e, sobretudo,

as necessidades de cada sociedade. É no interior deste último grupo que se encontra o nosso objeto de estudo. Com efeito, trata-se de denominações criadas a partir da apreensão dos traços distintivos da espécie mais salientes ao ser humano. Assim, cada espécie pode apresentar mais de um nome popular, dando origem ao fenômeno da variação denominativa no vocabulário da *Fauna* e da *Flora*. Nas próximas linhas, discutiremos sobre o modo como a metáfora e a metonímia contribuem para a ampliação do vocabulário em estudo.

A metáfora e a metonímia nos domínios da *Fauna* e da *Flora*

Nos últimos anos, temos nos dedicado ao estudo da contribuição dos nomes de cores na ampliação do léxico de uma língua, em especial, das terminologias. Observando a presença marcante de tais itens para a denominação das espécies inseridas nos reinos *Animal* e *Vegetal*, especialmente nos subdomínios das *Angiospermas*, isto é, as monocotiledôneas e as eudicotiledôneas, e dos *Vertebrados*, ou seja, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos, propomo-nos a descrevê-las em um dicionário especializado, onomasiológico, logo, em concordância com os pressupostos taxonômicos (Martins, 2013, 2017). Nesse sentido, nosso interesse concentra-se no estudo das variantes denominativas da *Fauna* e da *Flora* no que tange à sua estrutura formal, assim como aos aspectos sociais e cognitivos que atuam na sua formação. Importa clarificar que as análises apresentadas a seguir estão baseadas na observação da variação denominativa em língua portuguesa para cerca de duzentas espécies.

No que diz respeito aos aspectos cognitivos, podemos afirmar que a própria formação de muitos nomes de cores é fundamentada em metáforas, o que nos permite dividi-los em categorias opacas, ou melhor, arbitrárias, e categorias transparentes, ou seja, facilmente relacionáveis a um objeto presente na natureza. Desse modo, temos, por um lado, *vermelho*, *azul* e *verde*; por outro, *cinza*, *rosa*, *laranja*, *celeste* e tantos outros nomes representantes do mundo real. Isso porque, de acordo com Pontes (1990), o ser humano baseia-se em relações convencionais entre objetos e cores, fundamentadas em protótipos. Por exemplo, a cor *rosa* tem como protótipo a planta chamada *rosa* que apresenta tal coloração, e não a rosa vermelha ou amarela. Outro exemplo diz respeito à cor *uva*, que remete ao fruto da videira que apresenta coloração bordô, e não a branca. Portanto, a própria criação dos nomes de cores é ao mesmo tempo parcialmente motivada e fundamentada na convencionalidade. Nesse mesmo sentido, algumas cores para nós comuns podem ser especificadas por meio de objetos do mundo real. Wierzbika (2006) explica que se trata de relações conceituais que seguem a fórmula *X(objeto) é (cor)*, derivando na relação *(cor)X*. Como exemplo, podemos citar o *sangue que é vermelho*

e que passa a designar uma nuance dessa cor, o *vermelho sangue*. Essa mesma relação é válida para *azul petróleo*, *azul celeste*, *verde oliva*, entre outros.

Associações do tipo também podem ser resgatadas no vocabulário da *Fauna* e da *Flora*, pois o ser humano se vale de diferentes domínios conceituais, tais como os próprios nomes de animais e plantas, as cores, partes do corpo e objetos do mundo real, para a formação dos nomes populares das espécies, visando sempre sua especificação e distinção. São conexões baseadas nos processos metafóricos e metonímicos que refletem a forma como diferentes comunidades codificam e expressam a realidade que as cerca. Cabe salientar que tais associações não se restringem aos itens lexicais especializados compostos por nomes de cores. De fato, a metáfora e a metonímia contribuem para a formação das variantes denominativas de um modo geral. A fim de fornecer um panorama mais abrangente da atuação desses fenômenos na ampliação do vocabulário da *Fauna* e da *Flora*, trataremos neste estudo também daquelas variantes não compostas por nomes de cores. Isso posto, começamos nossa análise pelas ECEs.

Em concordância com Sánchez *et al.* (2012b), julgamos que as metáforas de semelhança, derivadas da comparação entre a forma, cor e comportamento ou função, estejam entre as mais frequentes. Retomando as considerações de Lakoff e Johnson (2007), concluímos ser

Quadro 1. Exemplos de variantes denominativas formadas por um nome genérico e um nome de cor

Chart 1. Examples of denominative variants composed by a generic name and a color name.

Nome científico	Variante denominativa
Fauna	
<i>Caretta caretta</i> L., 1758	tartaruga-amarela
<i>Chelonia mydas</i> L., 1758	tartaruga-verde
<i>Acanthochelys spixii</i> Duméril & Bibron, 1835	cágado-preto
<i>Rattus rattus</i> L., 1758	rato-preto
Flora	
<i>Parapiptadenia pterosperma</i> (Benth.) Brenan	angico-roxo
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir	jurema-preta
<i>Cordia superba</i> Cham.	babosa-branca
<i>Persea pyrifolia</i> Nees & Mart.	canela-rosa
<i>Virola bicuhyba</i> (Schott) Warb.	bicuíba-branca

frequente a associação entre o domínio referente ao seu conhecimento sobre os animais e a plantas aliado ao domínio das sensações, no caso, a visual. Consequentemente, a formação das variantes denominativas se dá pela associação entre conjuntos de vocabulários que denominam tais domínios, isto é, um conjunto A, em que se encontra o nome genérico, e um conjunto B, composto por nomes de cores, baseando-se na identificação de características mais salientes à percepção humana. Alguns exemplos estão dispostos no quadro que segue.

Encontramos também espécies denominadas por nomes de cores transparentes e, portanto, relacionáveis a objetos do mundo real. Dessa forma, temos a relação entre um domínio A que, assim como no item anterior, é composto por um nome genérico, e um domínio B, composto por referências a objetos do mundo real que representam cores. Por exemplo, *boto-cor-de-rosa* (*Inia geoffrensis* (Blainville, 1817)), espécie caracterizada pela coloração prototípica de rosa; e também *araçá-cinzeiro*

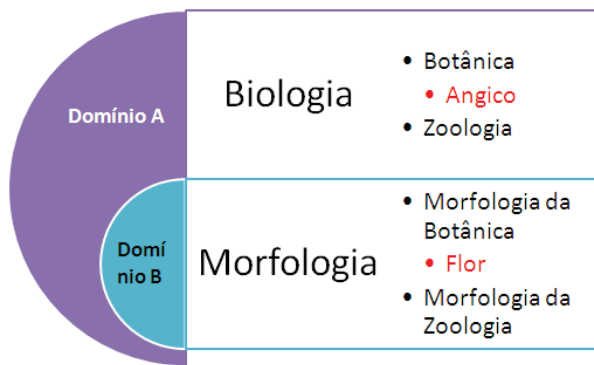


Figura 1. Formação das ECEs pelo tipo de metonímia *parte pelo todo*.

Figure 1. Construction of specialized chromatic phrases using the the part-for-the-whole metonymic process.

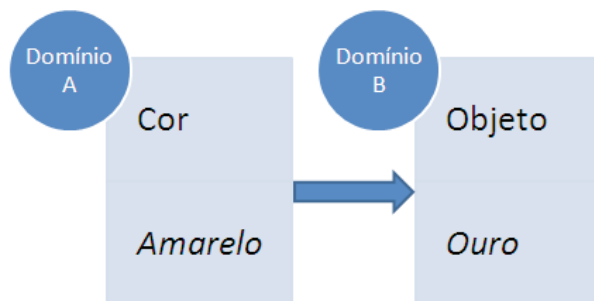


Figura 2. Formação de variantes denominativas por meio de cores transparentes.

Figure 2. Construction of denominative variants through transparent colors.

(*Psidium grandifolium* (O. Berg) Burret) que remete à coloração das cinzas ou do pó a que um objeto é reduzido após sofrer a atuação do fogo.

Concernente ainda à formação das ECEs, porém pelo processo metonímico, contribui de maneira significativa o tipo *parte pelo todo*. Nesse sentido, temos a relação de conceitos hierarquicamente estruturados, ou seja, um domínio A que se relaciona a um domínio B por meio de sua inserção no primeiro. Tomemos como exemplo a expressão *angico-de-flor-roxa* (*Parapiptadenia pterosperma* (Benth.) Brenan): dentro do domínio A convivem os nomes de plantas assim como o de suas estruturas morfológicas, portanto, *angico* e *flor* estabelecem uma relação conceitual estruturada por uma hierarquia, estando esta última em destaque em relação ao todo, pois é ela que se caracteriza pela coloração *roxa*, e não sua casca, seu caule, ou seu fruto. Para uma melhor compreensão, elaboramos a figura a seguir:

Sofrem a mesma formação as seguintes ECEs:

No tocante a formação das variantes denominativas não compostas por nomes de cores, temos:

- (i) Aquelas cuja formação está baseada numa sensação cromática provocada por uma entidade que remete a uma dada cor, em outras palavras, uma categoria transparente, mas que não se insere na tipologia de nomes de cores definida em nossa pesquisa. Trata-se de processos em que também

Quadro 2. Exemplos de variantes denominativas formadas pelo processo metonímico *parte pelo todo*.

Chart 2. Examples of denominative variants composed by the part-for-the-whole metonymic process.

Nome científico	Variante denominativa
Fauna	
<i>Pteroglossus aracari</i>	araçari-de-bico-branco
<i>Tityra inquisitor</i>	araponguinha-de-cara-preta
<i>Thunnus thynnus</i>	atum-de-barbatana-azul
<i>Cacatua galerita eleonora</i>	cacatua-de-crista-amarela
Flora	
<i>Parapiptadenia pterosperma</i> (Benth.) Brenan	angico-de-flor-roxa
<i>Plinia oblongata</i>	jabuticaba-de-polpa-rosa

Quadro 3. Variantes denominativas formadas por nomes cores que não fazem parte da tipologia de nomes de cores estabelecida em Martins (2013).

Chart 3. Denominative variants composed by color names that do not appear in the typology established in Martins (2013).

Nome científico	Variante denominativa
Fauna	
<i>Pteroglossus aracari</i>	Araçari-de-bico-marfim
<i>Corallus caninus</i>	Boa-arborícola-esmeralda
Flora	
<i>Abies alba</i>	Abeto-prateado
<i>Cecropia hololeuca</i>	Embaúba-prateada

há a relação metafórica entre dois domínios, isto é, o domínio A, referente ao conhecimento internalizado sobre a *Fauna* e a *Flora* e que origina um conjunto de nomes genéricos, e o domínio B, composto por nomes de cores transparentes. Citamos como exemplo *campainha-de-ouro* (*Ipomoea tuberosa* L.), variante da ECE *campainha-amarela* para o qual vale a fórmula $X(\text{cor}) = Y(\text{objeto})$, especificada anteriormente, como representado na figura que segue:

Vale destacar que o nome que acompanha o item cor e que atua como denominador genérico da espécie também deriva de uma metáfora de imagem em que a forma da flor assemelha-se a um objeto do mundo real, a saber, uma sineta.

Outros exemplos são elencados no quadro que segue:

- (ii) Aquelas cuja formação está baseada numa sensação visual provocada pela ECE. Por exemplo, a coloração acinzentada da espécie de *araçá* *Psidium grandifolium* (O. Berg) Burret origina a expressão cromática *araçá-cinzentado*, cuja motivação pode ser explicada tanto pelo prisma metonímico, visto que se enfatiza um aspecto da espécie para denominá-la como um todo, quanto pelo prisma metafórico, seguindo as discussões referentes ao Quadro 1; bem como sua variante *araçá-fumaça*, de motivação metafórica (metáfora de imagem), já que remete ao vapor resultante das chamas e lembra o pó derivado da combustão de algumas substâncias.

- (iii) Aquelas cuja formação está baseada numa sensação gustativa provocada pela cor que, por sua vez, simboliza o estado de maturação de um fruto. Como exemplo, temos *araçá-verde* (*Psidium Cuneatum* Cambess.), em que verde remete ao sabor do fruto, originando a variante *araçá-azedo*.

- (iv) Aquelas cuja formação está baseada numa metáfora de imagem convencionada na mente do falante. São exemplos a variante *surucucu-de-fogo* (*Epicrates cenchria cenchria* (L., 1758)), que remete à coloração avermelhada do corpo de tal espécie, baseada na metáfora *vermelho é fogo*.

- (v) Aquelas cuja forma também está baseada numa metáfora de imagem, porém relacionada a um objeto do mundo real que diz respeito à aparência da espécie. São exemplos a variante *peixe-agulha* (*Hemiramphus brasiliensis* L., 1758), espécie chamada assim devido ao aspecto alongado e pontiagudo de sua mandíbula. Outro exemplo diz respeito ao item *orelha-de-elefante* (*Xanthosoma violaceum* Schott), que remete à forma da folha de tal espécie, similar à orelha dos elefantes. Temos ainda *baba-de-boi* (*Cordia superba* Cham.), que faz referência à gosma liberada por tal planta e que é similar à secreção presente na boca desse animal. Já os itens *cobra-cipó* (*Leptophis Ahaetulla* L., 1758) e *cobra-capim* (*L. typhlus typhlus*), por outro lado, remetem à capacidade de camuflagem das espécies com o meio ambiente que habitam.

Considerações finais

Como dito anteriormente, a metáfora e a metonímia assumiram papel relevante para os estudos da linguagem a partir do final do século passado, visto que passaram a ser entendidos como processos cognitivos intrínsecos ao pensamento e essenciais para a conceituação e renovação lexical. Tais processos envolvem uma mudança de perspectiva que torna possível o mapeamento de um ou mais domínios e estão de certo modo fixados na mente dos falantes, daí seu uso natural por uma dada comunidade. É importante ressaltar ainda que o estabelecimento desses processos cognitivos está intimamente relacionado à cultura de um povo, pois as pressuposições culturais direcionam as experiências humanas, que serão descritas formalmente por meio dos fenômenos semânticos.

Argumentamos no decorrer deste texto que a metáfora e a metonímia são recursos frequentes no discurso especializado, tendo participação ativa na representação linguística de novos conceitos técnico-científicos. Nesse contexto, demonstramos sua ocorrência no vocabulário da *Fauna* e da *Flora*, especificamente, na formação dos

nomes populares das espécies. Frisamos ainda que tais mecanismos colaboram para a variação denominativa, que, especificamente nessa área, tem como uma de suas funções adequar a terminologia ao grau de conhecimento dos interlocutores e ao nível de especialização do discurso. Com efeito, a metáfora e a metonímia proporcionam o reconhecimento imediato da espécie a partir da ênfase de determinados traços característicos, tornando possível a sua distinção perante outras de mesma família. Já no que concerne à existência de padrões metafóricos e metonímicos para a formação de tais variantes, a análise de aproximadamente oitocentas variantes denominativas referente a duzentas espécies aponta para a preferência de (i) *metáforas de semelhança e metáforas de imagem*, em que há a apreensão de uma de suas características e consequente comparação pelo falante a um aspecto do mundo real, resultando na formação da variação denominativa; e (ii) para o uso da metonímia *parte pelo todo*, em que uma característica da espécie é evidenciada para a distinção imediata por parte do observador diante de outras espécies de mesma família. Sublinhamos que, para os primeiros casos, a motivação metafórica não é especificada, ou seja, a característica da espécie que serve como base é mencionada de forma genérica; já para os casos de motivação metonímica, é interessante destacar que a característica evidenciada varia de acordo com a relação entre o falante e a espécie, por exemplo, se se trata apenas de um observador, este utilizará traços facilmente reconhecíveis, por outro lado, se a espécie é o meio de sustento do falante, este utilizará características que remeterão ao valor do produto. Sendo assim, retomamos o parágrafo anterior, exemplificando a maneira como a cultura e as experiências do mundo real direcionam a opção pelo mecanismo cognitivo na formação da variante denominativa no vocabulário em questão.

Por fim, frisamos a importância de se observar o contexto extralinguístico durante a análise das terminologias, visto que é ele o responsável pela compreensão de determinadas escolhas na formação desses itens, sobretudo na presença da variação denominativa. Escolhas estas que muitas vezes derivam da criatividade do falante, que faz uso do ambiente que o circunda para denominar e distinguir as espécies. Dessa forma, tais processos são responsáveis por estabelecer uma ponte entre o mundo extralinguístico, o novo conceito e o indivíduo.

Referências

- ARCAINI, E. 1991. *Analisi linguistica e traduzione*. Bologna, Patron Editore, 326 p.
- BERLIN, B.; KAY, P. 1969. *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Berkeley; Los Angeles, University of California Press, 196 p.

- CABRÉ, M.T. 1999. *La Terminologia: Representación y comunicación. Una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, 370 p. <https://doi.org/10.1075/tlrp.1>
- CABRÉ, M.T. 2003. Teorías de la Terminología: de la prescripción a la descripción. In: G. ADAMO; V. DELLA VALLE (eds.), *Innovazione lessicale e terminologie specialistiche*, v. 92. Florencia, Leo S. Olschki Editore, p. 168-188. (Serie Lessico Intellettuale Europeo).
- DIRVEN, R. 2002. Metonymy and Metaphor: Different mental strategies of conceptualisation. In: R. DIRVEN; R. PÖRINGS (eds.), *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. New York, Mouton de Gruyter, p. 75-111. <https://doi.org/10.1515/9783110219197.75>
- GILES, T.D. 2007. *Motives for Metaphor in Scientific and Technical Communication*. New York, Baywood, 182 p.
- HOFFMAN, R.R. 1980. Metaphor in Science. In: R.P. HONECK; R.R. HOFFMAN (eds.), *Cognition and Figurative Language*. Hillsdale, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, p. 393-423.
- KÖVECSES, Z. 2010. *Metaphor in Culture: universality and variation*. 2ª ed., New York, Cambridge University Press, 336 p.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. 2007. *Metáforas de la vida cotidiana*. 7ª ed., Madrid, Ediciones Catedra, 288 p.
- MARTINS, S.C. 2013. *Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da fauna e flora*. São José do Rio Preto, SP. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 220 p.
- MARTINS, S.C. 2017. *Proposta de uma base de conhecimento multilíngue online de expressões cromáticas da fauna e da flora*. São José do Rio Preto, SP. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 419 p.
- OLIVEIRA, L.P. 2010. Cognition and naming processes in terminology. In: Congresso Linguística e Cognição, V, Florianópolis, 2012. *Anais...* 1(1):89-93.
- PAPAFRAGOU, A. 1996. On metonymy. *Lingua*, 99(4):169-195. [https://doi.org/10.1016/0024-3841\(96\)00016-2](https://doi.org/10.1016/0024-3841(96)00016-2)
- PONTES, E. 1990. Nomes de cores em português. In: E. PONTES (org.), *Metáfora*. 2ª ed., Campinas, Editora da UNICAMP, p. 9-30.
- SÁNCHEZ, T.M.; RODRÍGUEZ, C.I.L.; LINARES, C.M.; FABER, P. 2012a. Metaphor and Metonymy in specialized language. In: P. FABER (ed.), *A cognitive linguistic view of terminology and specialized language*. Berlin; Boston, De Gruyter, p. 33-62.
- SÁNCHEZ, M.T.; GÓMEZ MORENO, J.M.U.; PRIETO VELASCO, J.A. 2012b. Grasping metaphoric and metonymic processes in terminology. *The Journal of Specialized Translation*, 18(July):187-205.
- SILVA, A.S. 1999. *A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian; Ministério da Ciência e da Tecnologia, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 727 p.
- TRETJAKOVA, J. 2013. Metaphor in Terminology: Visualization as a Way to Term Perception. *International Scholarly and Scientific Research & Innovation*, 7(4):891-894.
- WIERZBICKA, A. 2006. The Semantics of Colour: A new paradigm. In: C.P. BIGGAM; C.J. KAY, *Progress in Colour Studies. Vol. I. Language and Culture*. Amsterdam; Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 237 p. <https://doi.org/10.1075/z.pics1.05wie>
- ZAVAGLIA, C. 1996. *Os cromônimos no italiano e no português do Brasil: uma análise comparativa*. São Paulo, SP. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 264 p.

Submetido: 15/01/2017
Aceito: 02/08/2017